

**ENTREVISTA COM GILBERTO MENDONÇA TELES – 90 ANOS**

Por GEUVANA VIEIRA DE OLIVEIRA MAIA

[geuvana.maia@unimontes.br](mailto:geuvana.maia@unimontes.br)

Prezado Gilberto Mendonça Telles, primeiro agradeço por honrar-me com esta entrevista. Agradeço sua disponibilidade e gentileza em dispor de seu tempo para responder as perguntas que irei fazer. Parabéns, pelo aniversário de 90 anos!

**Geuvana:** *Gilberto, gostaria que você expusesse sobre o “sentido invisível da poesia”, já que isto foi um tema literário que sempre esteve presente em sua produção literária. E pode nos dizer de sua poesia aos 90 anos?*

**Gilberto:** Obrigado, Geuvana, pelo ensejo de tratar aqui de um tema que venho aperfeiçoando à medida em que sou atraído e seduzido por ele, como se tratasse de (e é) uma força amorosa que às vezes parece me confundir, quando na verdade ilumina e me põe diante de um excelente problema da filosofia poética. A começar, a sua frase, “o **sentido invisível da poesia**”, articula um belo decassílabo, além de pôr em relevo três termos que podem ser assim exemplificados:

a – **SENTIDO** -- No falar comum, se entende por significação, o que uma palavra

quer dizer;. Mas o vocábulo tem na sua raiz latina de **sensus** a interferência da

raiz **zinnnes, do** alto alemão, que lhe agrega a acepção de “rumo” “direção”.

Assim, o **sentido** é visto aqui como o “rumo” que se toma para descobrir e

analisar o paradoxo do “invisível” que está “visível” no poema.

b – **INVISÍVEL:** Como disse acima, o “invisível” na poesia e, na verdade em toda obra literária, está primeiramente na passagem da linguagem comum para a que se quer literária, uma vez que se passa das regras gramaticais

(que todo escritor tem de conhecer bem) para as regras retóricas, um tanto móveis, pois dependem da capacidade criadora do escritor e de sua época. Mas o “invisível” está também na natureza do tema e na intenção de deixar obscuridade na frase ou em tudo que está escrevendo. Para isso, o poeta se vale da escolha das palavras, do torneio frásico e das figuras, verossímeis ou simbólicas. Um exemplo: No poema “Ser tão Camões”, de **Saciologia goiana**, escrevi que

Um rio se levanta da planície

goiana e se detém calamitoso  
para lutar comigo e revelar-me  
o mistério mais fundo do sertão.

[...]

E me armou no mais íntimo do ser  
a máquina do medo”.

Para entender bem o que significa um rio se levantar para brigar com o sujeito narrativo, o leitor tem de ter lido a **Ilíada**, de Homero; e para entender a referência à “máquina do medo”, tem de saber que ela vem da “máquina do mundo”, em **Os Lusíadas**, de Camões., que aparece no título do poema cheio de imagens camonianas. Essas imagens ficam “invisíveis”, se o leitor não tiver cultura para percebê-las, apesar de o escritor ter deixado algumas dicas para a compreensão.

c -- **POESIA**: Poesia é o que todo mundo sabe de poesia, mas é alguma coisa a mais. Não é alegria, desejo, amor. Se digo ou escrevo :”Ela é uma poesia”, estou dizendo que ela é bela, boa ou educada. Isso é coisa de que se ocupa a

**Estética**, mas não é poesia; se faço versos bem certinhos (com métrica, rima -ou sem isso e português correto) isto também não é poesia – é **poema**, mas o poema nem sempre tem poesia. A **Poesia** esta no verso, no poema e, às vezes em todo o livro. E está também na cabeça do leitor. Ela é aquilo que nos toca, que nos encanta na leitura. Então, para sentir poesia é preciso que haja verso, poema, livro. É isto que se estuda na **literatura**.

Finalmente, você me pede para falar sobre a poesia que escrevo nos meus noventa anos. Creio que é a mesma, mas continuamente atualizada pelos novos conhecimentos que fui adquirindo e pela transformação da própria cultura da poesia brasileira. Veja bem: meu primeiro livro, **Alvorada**, é de 1955, com poemas escritos a partir de 1949, dos **meus** dezoito anos. De lá para cá houve uma série de livros e antologias e em cada um desses livros foram surgindo **temas, técnicas e formas de linguagens** diferentes, atualizadas no contexto da cultura brasileira. Com isso chego a esta idade com muitos livros publicados e muito e muitos lidos, os mais importantes da literatura brasileira e do mundo. Assim estou hoje com muita informação científica e literária, mas já tendo de cuidar do que não fiz. O que sempre desejei e nem sei mais o que é. Sei é que de vez em quando tenho vontade de escrever, e escrevo. Se for publicado, alguém dirá que era a mesma coisa, sendo outra.

**Geuvana:** *Gilberto, o senhor escreveu obras teóricas e críticas, em dois livros: **Retórica do Silêncio I: teoria e prática do texto literário** e **A Escrituração da Escrita: teoria e prática do texto literário**, esses são resultados de sua experiência na atuação de professor de graduação e pós-graduação na sala de aula?*

**Gilberto:** Acrescento à sua pergunta os dois volumes de **Contramargem**, “Estudos de Literatura”, I, II e com o III já preparado. Esses livros têm mesmo muito a ver com os cursos de graduação na PUC-Rio e na Universidade Santa Úrsula, no Rio de Janeiro; e nos cursos de pós-graduação da PUC-Rio, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, da Federal Fluminense (em Niterói) e das federais de Roraima, Pará, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Bahia, Santa Catarina, Minas Gerais, Goiás, e PUC Goiás. Os seus aspectos teóricos e práticos da literatura foram também expostos em conferências na maioria das Universidades Federais do Brasil e nas entrevistas e depoimentos sobre teoria literária e sobre a literatura brasileira e, algumas vezes, sobre escritores estrangeiros. Foram quase sempre publicados em artigos (de jornais e revistas) do Rio, São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Pará, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

**Geuvana:** *O que o senhor pode nos dizer sobre a edição atual de Drummond: a estilística da repetição? O que esse livro representa em sua carreira de estudioso de poesia? E, sobre o poeta Carlos Drummond, esse seu grande amigo, o senhor tem alguma novidade para nós?*

**Gilberto:** *Drummond: A Estilística da Repetição* acaba de sair em quarta edição pela Editora Batel no Rio de Janeiro. Depois da 3ª edição, saída em São Paulo, tratei dos meus outros livros de Poesia e de Crítica, Tinha originais nos dois gêneros e procurei publicá-los. Com as viagens para cursos e conferências, no Brasil e no /exterior, o tempo foi passando, a edição do Drummond se esgotou e só há dois anos preparei a nova edição.

O livro, quando saiu com prêmio de Ensaio da Academia Brasileira de Letras, teve excelente repercussão, aqui e além mar, o que se pode ver em alguns trechos na orelha da nova edição. Como ficou quase vinte anos fora do mercado editorial foi ficando desconhecido, mas acredito que voltará à circulação. Foi realmente um marco na minha vida universitária, e de crítico literário, tal como vão ser livros como *Camões e a poesia brasileira* (5ª edição em Portugal), *Contramargem* (Prêmio Juca Pato) e *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*, na 20ª edição no Grupo Editorial Record.

Quanto ao nosso maior poeta nos séculos XX e XXI, Carlos Drummond de Andrade, vou transcrever o verbete que fiz para o livro *Entrevista cadmeana: “Um abecedário de Gilberto Mendonça Teles”*, de Marcos Carvalho Lopes, 2016:

Tive a felicidade de conviver com o poeta Carlos Drummond de Andrade, de receber dele telefonemas, cartas, bilhetes e livros com dedicatórias, como, por exemplo, a edição de *Poesia e Prosa*, da Aguilar, lançado em 1979, que ele me trouxe com a seguinte dedicatória: “*Querido Gilberto: Você tem sido generoso “cúmplice da minha poesia”, analisando-a e valorizando-a como eu jamais poderia esperar. Meu agradecimento profundo, neste abraço amigo, que é também de admiração pelo seu espírito crítico e pelo criador, igualmente notáveis. / Carlos Drummond / Rio, outubro, 1983.*”

Para mim a vida e a obra de Drummond se deixam marcar verticalmente por dois cortes que se entrecruzam: **a)** – “*O filho que não tive*

*anda no ar suspenso*”, o que aponta para a hipértese do poema “No meio do caminho”, onde se alude à **pedra / perda** do filho recém-nascido, que viveu apenas alguns instantes. [Veja-se o meu poema “A Perda”, em *Caixa-de-fósforos*, de 2002]. **b)** – Pura a essência da nossa melhor poesia depois de 1930 como nos livros: *Brejo das almas*, *Sentimento do mundo*, *A rosa do povo*, *Claro enigma*, *Lição de coisas* e *Paixão medida*. “O mais são nuvens”, diria o próprio Drummond.

Felizmente, a letra D de Drummond vem logo abaixo da letra C, de Camões, por quem o poeta de Itabira (que guardava “*certo remorso de Goiás*” e soube amar, na vida e na poesia, mais que qualquer metido a D. Juan) tinha a maior admiração, tanto que mistura seus nomes, meio humoristicamente em CAMMOND & DRUMMÕES, mas de maneira sublime quando, no final de *A paixão medida*, em “O Poeta”, de uma só estrofe decassilábica, joga com o “ouro/olho” “vazado/vazando” de Camões e com a etimologia céltica de seu próprio nome em “ondas altas” [drum-ondas] misturadas com o resplendor da obra e da vida de Luís de Camões:

Este, de sua vida e sua cruz  
uma canção eterna solta aos ares.  
Luís de ouro vazando intensa luz  
por sobre as ondas altas dos vocábulos.

Sob estes aspectos estrutura-se a melhor poesia brasileira dos séculos XX e XXI.

**Geuvana:** *Ao ler alguns de seus poemas, como por exemplo, “Et tout le reste”, que se encontra em Álibis, foi possível perceber citações de poetas estrangeiros, é possível expor como foi a experiência de leitura de Valéry, Lautréamont, Baudelaire, Poe, Whitman, Blake e outros?*

**Gilberto:** Posso falar primeiro da minha biblioteca particular. Há três anos atrás (2018), com cerca de quinze mil volumes, eu a doei à Universidade Federal de Goiás, de que fui fundador como professor da Faculdade de Filosofia, razão por que tenho hoje o título de Professor Emérito da Universidade. Ficaram comigo,

para entrega posterior, mais ou menos dois mil volumes, selecionados para o trabalho final da minha vida. Pois bem. Numa estante especial, separada dos demais livros, fui juntando ao longo de mais de cinquenta e tantos anos os livros de poemas estrangeiros, na língua original -- espanhol, francês, italiano, inglês, alemão, russo, búlgaro, chinês, japonês, dinamarquês, árabe, grego, persa, turco, tupi, quichua e não sei mais o quê. Claro que a maioria em edição bilíngue ou traduzido, menos os de língua românica e em inglês, que procurei ler e li no original.

A leitura se fazia nos momentos de folga do professor universitário que nunca faltou a aula, a não ser quando viajava a convite, o que foi sempre estimulado pelas universidades em que trabalhava. Gostava de ler deitado, às vezes à mesa de trabalho no escritório, consultando ou examinando o valor literário daquela edição.

O poema “Et tout le reste”, de *Álibis* (2000) revela mesmo um grande potencial de leitura da poesia: tinha todos os livros desses autores na minha biblioteca. No período em que estive no hospital (de julho a novembro de 2019) Maria e Luciana (filha) cuidaram muito bem dos meus livros e do escritório. Mas, antes de adoecer eu já havia combinado com o motorista da UFG buscar mais dez caixas de livros. Na hora de pegar as caixas, por descuido, meteram os livros estrangeiros nas caixas que viajaram. Resultado, fiquei sem os livros, mas restou o poema, pois sempre resta alguma coisa, como se lê no poema -- uma coisa que vai passando de um escritor para o outro. Procurei extrair de cada um o essencial ou o mais conhecido deles. E consegui criar uma espécie de “história” do melhor da poesia ocidental. Daí a necessidade de transcrever o poema:

*ET TOUT LE RESTE*

Cabral que descobriu o Brasil mais severino  
lia Drummond que recusava as glórias de uma pedra  
e lia Guillén que amava o vazio dos nomes  
e lia Valéry que hesitava entre o som e o sentido  
e lia Mallarmé que tentava abolir o *bibelot* sonoro  
e lia Rimbaud que passeava de férias no *bateau-mouche*  
e lia Verlaine que torcia o pescoço num par-ou-ímpar  
e lia Lautréamont que achava o plágio necessário  
e lia Baudelaire que cuidava de gatos e de flores  
e lia Poe que calculava a beleza do corp(v)o de Minerva

e lia Whitman que convocava à noite os pioneiros  
e lia Blake que para escapar à onda do pós-moderno  
e desenhar seus anjos à *crayon*  
ia às núpcias do céu e do inferno  
lendo antigas baladas de Villon

**Geuvana:** *Na minha tese de doutorado, realizei um estudo sobre a leitura e escrita do escritor Cyro dos Anjos, é recorrente que os escritores de literatura demonstrem em sua escrita literária sua experiência de leitura?*

**Gilberto:** Penso que sim: querendo ou não, às vezes consciente ou inconscientemente o texto escrito acaba deixando no “invisível” da escrita algum sinal de suas leituras. Cabe ao estudioso desbloquear, desconstruir, descobrir e ler criticamente esses sinais, se isto for do seu projeto. Mas para isso, Geuvana, o crítico tem de ter também muita leitura para perceber a marca do outro na obra em que está fazendo o seu trabalho intelectual.

**Geuvana:** *Seria um prazer ouvir o senhor realizar um depoimento sobre sua relação de trabalho com Cyro dos Anjos, do tempo que eram contemporâneos na Universidade de Brasília.*

**Gilberto:** Tenho cinco momentos de aproximação do escritor Cyro dos Anjos. O primeiro foi o da leitura de suas obras, quando eu era professor nas Faculdades de Filosofia da Católica de Goiás e da Universidade Federal de Goiás. Falei em aula sobre o *Abdias* e *O Amanuense Belmírio* e cheguei a corrigir trabalhos de alunos sobre esses livros.

O segundo momento foi o do nosso encontro na Universidade de Brasília, em 1962. Eu já havia publicados seis livros de poemas, o último dos quais premiado pela Academia Paulista de Letras, em 1962. Creio que foi por aí que fui convidado a ser professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira na Universidade de Brasília, recém-criada. O diretor do Departamento de Letras era Cyro dos Anjos e o reitor da Universidade, Darcy Ribeiro. Tudo gente de Montes Claros. Juscelino não deixava para menos. Eu morava em Goiânia, a 200 km. Peguei meu automóvel e fui com Maria. Deixei-a na casa de um ex-aluno de Goiânia e compareci à reunião. Apresentei-me, ficou combinado que eu começaria com Língua Portuguesa. Terminada a reunião, houve a descontração

do café. Mas eu já estava sentindo que o Diretor dava mais atenção aos outros professores, que eram de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro. Foi então que, talvez em tom de brincadeira, Cyro dos Anjos virou-se para mim e me perguntou: “Oh goiano, lá em Goiás estudam literatura? Eu respondi na bucha: “Professor Cyro, estudar não estudamos bem, não, mas trabalhamos com muita bobagem que escrevem por aí. Por falar nisso, estou lendo com os meus alunos o *Abdias*, do senhor. E aproveito para dizer que não quero mais trabalhar aqui. Obrigado e com licença. E saí, deixando os colegas com a cara no chão, como mais tarde pude ficar sabendo por um dos professores que era meu amigo.

O terceiro momento foi no Sabadoye, que ambos frequentávamos aos sábados, mas o Cyro não era muito frequente. Cumprimentávamos cordialmente e nunca tocamos no problema de Brasília. Como era da Academia Brasileira de Letras, Afrânio Coutinho o levou como professor-visitante a lecionar teoria do romance na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde eu também era professor de literatura. Um dia o diretor do Departamento de Letras me disse que ia haver uma homenagem aos oitenta anos do professor Cyro dos Anjos e queria que eu o saudasse. Aceitei e preparei uma boa saudação de homenagem, sem tocar, é claro, no acontecimento de outrora. Ele ficou muito emocionado, me abraçou, agradecendo a saudação.

O quarto momento foi o da orientação da professora Dulce Mindlin numa dissertação de mestrado na PUC-Rio sobre a obra de Cyro dos Anjos. E o quarto momento diz respeito a um estudo de parceria com a Doutora Ilca Vieira de Oliveira para uma edição crítica de *A criação literária*, livrinho pioneiro diante da cadeira de Teoria da Literatura que havia começado a funcionar nas universidades e cujos professores viviam quebrando a cabeça para saber o que dizer a seus alunos. A obra de Cyro dos Anjos contém os aspectos que lhe pareceram melhor para ensinar. Nosso trabalho está em andamento. É tudo, e foi muito.

**Geuvana:** *Eu já ouvi alguns “bochichos” de que o senhor esteve exilado, na época do AI-5, em 1964, explique isso para nós.*

**Gilberto:** Primeiramente uma retificação: o AI-5 foi em 1969. Em 1964 são outros quinhentos de que motivou o cochicho local. O boateiro é avesso à pesquisa, por isso não escreve – fala, melhor, não fala, cicia, cochicha a notícia de que fui demitido da UFG pelo AI-1. Errado: fui demitido da direção do Centro de Estudos Brasileiros, mas continuei professor da UFG.

Agora posso dizer que nunca estive exilado em parte alguma, ainda mais em outro país. Eu não fui e não sou. Mas me exilo toda vez que encontro um bom livro. Então saio do cotidiano, do mais comum, do terra a terra, dos mexericos, dos boateiros, e, de repente, estou na **Grécia** conversando com Orfeu, Homero, Hesíodo, Arquíloco, Safo, Teócrito e Calímaco; dou alguns passos para Oeste (para trás) e me encontro em **Roma** ouvindo os discursos de Cícero, a voz de Virgílio, os poemas de Catulo, Ovídio, e Propércio que me fala de suas relações com mulheres casadas; viajo ao **Oriente** encontro Tagore na Pérsia, Li' Ai Pó na China, Bashô no Japão; na **Itália medieval**, rio dos relatos de Boccaccio, e leio os poemas de Dante e Petrarca, além de um bater papo com Santo Tomás de Aquino sobre a existência de Deus. Quando volto ao Rio de Janeiro, chego com a alma livre, voando na realidade de tantas belas obras literárias. Marco encontro com Drummond e conto-lhe as minhas peripécias; ele ri e me narra a história do caso do vestido e da fazenda Serro Azul, aonde nunca foi. Ah! me esqueci de dizer que depois vou a Goiânia para ver os irmãos e ouvir novamente os boatos de que na minha ausência de lá eu estava exilado no Uruguai. Não estava, trabalhavas para o Itamaraty. muito bem pago e, por cima, com meus vencimentos da Universidade e do Estado. *Chose de loque*, diria o Jô Soares. Há menos de cinco anos recebi o telefonema de meu antigo professor de inglês no Liceu de Goiânia, o ótimo professor Genesco Bretas de que mais tarde fui colega no Liceu. Disse-me que gostaria de falar comigo e se eu podia ir a onde estava hospedado. Claro, professor. Marcamos o dia e a hora e, pontualmente lá estava. Não sabia de que se tratava. Depois dos cumprimentos, ele me disse: Quero lhe pedir desculpas por ter dado um parecer contrário ao seu afastamento do Liceu. Eu estava equivocado. Respondi, nem sabia desse parecer e agradei o seu belo

gesto que me fez admirá-lo desde o Liceu. O Secretário de Educação já tinha dado o parecer favorável.

É por isso que sempre digo: Ninguém verifica nada lá em Goiânia, mas gosta de falar. Se verificasse, encontraria nos arquivos da Universidade Federal de Goiás (UFG) e nos da Secretaria de Educação de Goiás um documento em que a Divisão Cultural do Itamaraty solicitava à UFG me pusesse à disposição deles para trabalhar como professor no Instituto de Cultura Uruguayo-brasileño, em Montevidéu, ofício imediatamente atendido pelo reitor e pelo Secretário de Educação em dezembro de 1996.

Depois desta introdução, é bom responder à pergunta da Doutora Geuvana. Então vamos lá. Na qualidade de professor da UFG, a Cônsul de Portugal no Rio de Janeiro, atendendo a um pedido do professor Agostinho da Silva, me concedeu uma bolsa de estudos no Instituto de Alta Cultura de Lisboa, Portugal, por um ano, para aperfeiçoamento em língua portuguesa e em literatura. Fiz um Curso especial na Universidade de Coimbra. Assim, logo que cheguei a Portugal fiquei sabendo que era praxe o bolseiro (como lá se diz) fazer uma palestra sobre sua região. Preparei, fiz, respondi a algumas questões, agradeci e fui para o apartamento que havia acabado de alugar. Estava feliz, por me haver saído bem. No dia seguinte um telefonema da Embaixada do Brasil. Pensei logo: “Esses fdp estão mexendo comigo. Telefonei, marcamos o encontro, cheguei no horário, esperei dois ou três minutos. Me mandaram entrar. O Embaixador veio me abraçar e logo comentou: O Adido Cultural, Odylo Costa, Filho, me disse que gostou muito de sua palestra, que o senhor apresentou uma visão promissora da literatura no Brasil. A embaixada o cumprimenta por isso. E, logo a seguir: O senhor não quer trabalhar para o Brasil, como professor? Respondi que sim, mas o que fazer? Aí ele me disse: Quando o senhor voltar ao Brasil, venha aqui para levar em mão uma correspondência à Divisão Cultural do Itamaraty, no Rio de Janeiro.

Em fevereiro de 1966, já no Rio de Janeiro, telefonei, marquei encontro e fui ao Itamaraty. Quando mencionei meu nome, veio logo uma pessoa me atender, fez questão de carregar a minha pasta e me disse que o Embaixador Scarabotolo

me estava esperando. Entrei, fui alegremente cumprimentado e a seguir ele me disse: Temos uma vaga de Adido Cultural no Chile, com três mil dólares mensais e algumas regalias. A surpresa da oferta me confundiu e pedi para dar a resposta no outro dia. Era demais para um pobre marquês. Conversando com Maria, que estava na casa de uma prima, chegamos à conclusão de aceitar, mas eu tinha esperança de conseguir algum lugar mais perto.

Cheguei na hora marcada e o embaixador me disse que tinha um cargo no Uruguay, mas como professor e vice-diretor do Centro de Estudos Uruguai-Brasileiro.mas com um vencimento menor. Perguntou-me por que eu desejava algo mais perto do Brasil. Respondi que era por causa do meu pai que precisava de meus cuidados. Foi assim que fui parar em Montevideu. Pronto, acho que fiz um bom resumo que, com certeza, repetirei em outras ocasiões, quando for necessário.

**Geuvana:** *Gilberto, o senhor homenageia com um poema a sua conterrânea, a poetisa Cora Coralina, o que tem a dizer sobre a participação dela na poesia de Goiás? O que pensa sobre a historiografia literária brasileira que sempre excluiu as vozes femininas?*

**Gilberto:** Duas perguntas, né?

A primeira sobre Cora Coralina, de belo pseudônimo que ajudou muito à mitificação de seu nome. Veja o que escrevi na *Revista da Academia Carioca de Letras*: “Este pseudônimo foi, desde cedo (1907), um dos seus mais belos achados literários, responsável direta e indiretamente pela popularização do nome da escritora, hoje, só em Goiânia, denominação de bairro, de avenida, de rua, de qualquer empreendimento público ou privado, cultural ou não, tudo se faz em nome do nome da escritora, muito pouco em nome de sua obra. Mais louvada que verdadeiramente estudada”. Cada vez que vou à sua obra, tendo a repetir o que falei em conferência por escrito. É preciso um trabalho de verificação ecdótica dos seus textos. Ver o que está no baú da filha em São Paulo e os originais do que foram publicados e estão sendo publicados. Os goianos e gentes de outras partes, ou por não saber bem esse negócio de verificação de textos ou por acreditar na fidelidade deles, nunca pensaram na edição fac-similada dos

verdadeiros originais de Cora Coralina. Seria uma coisa muito importante para a definitiva sacralização da escritora.

Sobre a segunda pergunta, acho é que não apareceram escritoras dignas da historiografia. As que conhecemos aparecem nas edições de história da literatura brasileira. Outra coisa, um bom trabalho de pesquisa seria, a meu ver, num pós-doc, “exumar” as que ficaram esquecida dos historiadores nos séculos XVIII, XIX e XX. Que tal? Será que ficaram?

**Geuvana:** *Professor Gilberto, o senhor foi um escritor muito profícuo, além de poesias, escreveu muitos textos ensaísticos, como foi conciliar sua carreira profissional de professor com a de poeta? Como o senhor julga sua produção literária?*

**Gilberto:** Você sempre me perturba e me reanima com as suas duas perguntas. Na introdução você me vê mortinho da silva --”foi um escritor”. Como foi, se estou sendo, se estou com muitos compromissos editoriais, e *lives* e mais *lives* etc.? Realmente fui **profícuo**. De vez em quando me pergunto: Como arranjei tempo para tantos livros de poesia e de crítica? Tantos prefácios? Tantas conferências? Tantos poemas musicados? Tantas viagens, amizades, amores e desafetos, que não conheço, mas sei que devem existir? O diabo-a-quatro.

Agora conciliar minha carreira de **professor** com a de **poeta** foi bem fácil. A hora do professor foi sempre sagrada para mim, raramente faltei a uma aula. Chegava na hora certa e dava, para a graduação, aula às sete da manhã. Turma mista de **trinta** alunos. Começava a aula com **vinte-e-cinco** alunos e com **quinze** minutos de tolerância, porque levava em conta que no Rio de Janeiro havia alunos que tinha de pegar o trem e depois o ônibus. Terminada a aula, ia para a minha sala, atendia alunos, e lia, revia algum texto e até chegava a bater um papinho com alguns colegas; Se não houvesse mais aulas, *bora* para a casa. Aí começava o tempo do poeta.

E o tempo do **professor** com o do **crítico** (ensaísta, prefaciador, entrevistas, etc,?) Sempre disse que o exercício e o estudo contínuo da crítica foi um grande auxiliar do professor que exibia aos alunos as diversas formas e maneiras de ver o texto literário. E que o **poeta** adocicava a linguagem do crítico.

**Revista Araticum**

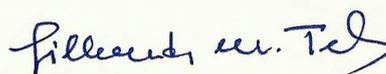
Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes  
v. 23, n.1, 2021. ISSN: 2179-6793

É por aí que posso julgar a minha produção literária. Sempre fui adepto da **αρετή (aretê)**, palavra grega da época de Homero (IX a.C.) de onde veio a nossa palavra **arte**. O termo aponta para o sentido do **melhor que se pode fazer** (na guerra, na arte, na escola, na lida diária e até no amor). Então julgo o que Gilberto produziu em poesia e crítica o melhor que ele pôde produzir.

**Geuvana:** *Qual a mensagem que o senhor nos deixa neste momento de pandemia de COVID-19, de isolamento social e de tantas insatisfações sociais, econômicas e políticas? Como vê a poesia no cenário atual?*

**Gilberto:** No cenário atual, com todas as mazelas que você apontou e sobretudo, com a política, quando o país deixa de ser governado por causa (há um cacófato aí, mas o creio oportuno) da ambição megalomânica de se perpetuar no poder; quando, por um fato natural – a pandemia -- somos obrigados a restringir nossas atividades humanas e sociais; quando tudo se junta., a POESIA está sendo a única salvação por que obriga o poeta – o grande, o pequeno e o aprendiz de poeta – a se concentrar no **discurso**, a desejá-lo bem feito e, ao mesmo tempo, dá ao leitor comum a capacidade de, por acaso ou não, chegar ao livro de poema, embora, é bem certo, que ele prefira perder tempo com a televisão, como vou fazer amanhã: perder noventa minutos vendo o Flamengo jogar. Mas que se há de fazer? O mundo gira, e nós ficamos de cabeças para baixo, como a gente pensava quando menino

Viva a Doutora Geuvana!!!! / Beijo agradecido. Gilberto.



Rio de Janeiro, 21 de agosto de 2021

Professor Gilberto, expresso minha felicidade e sinceros agradecimentos em conceder-me esta entrevista. O senhor que é consagrado como um poeta

***Revista Araticum***

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes  
v. 23, n.1, 2021. ISSN: 2179-6793

brasileiro com uma carreira sólida e tão vasta. Parabéns, mais uma vez pelo aniversário de 90 nos! Viva o poeta Gilberto Mendonça Teles!!!

Muito Obrigada!

*Montes Claros/Rio de Janeiro, 29 de junho de 2021.*

*Recebida em julho de 2021*

*Aprovada em dezembro de 2021*